



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 2, maio-ago 2014

## AUTOBIOGRAFIA: GÊNERO LITERÁRIO OU FORMA DE RECEPÇÃO?



## AUTOBIOGRAPHY: LITERARY GENRE OR FORM OF RECEPTION?

Adriano Carlos MOURA  
UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 17/06/2014 • APROVADO EM 30/09/2014

---

### Abstract

---

This article proposes, with the reading of books “Bar doce lar” of american journalist JR Moehringer and “Os cus de Judas” of portuguese novelist António Lobo Antunes, reflect on how the autobiography can be regarded as a literary genre or not. Accomplishing this is done from a comparative study between a novel and autobiographical writing, using concepts of work “O pacto autobiográfico” of french researcher Philippe Lejeune. The argument is also based on reader-response criticism, stressing the importance of taking into account the expectations of the reader while reading the autobiographical text.

---

## Resumo

---

Este artigo propõe, com a leitura dos livros *Bar doce lar* do jornalista americano J.R. Moehringer e *Os cus de Judas* do romancista português António Lobo Antunes, refletir sobre de que maneira a autobiografia pode ser considerada um gênero literário ou não. A realização dessa tarefa faz-se a partir de um estudo comparativo entre uma escrita autobiográfica e um romance, utilizando conceitos da obra *O pacto autobiográfico* do pesquisador francês Philippe Lejeune. A argumentação se baseia também na estética da recepção e ressalta a importância de se levar em consideração as expectativas do leitor durante a leitura do texto autobiográfico.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Autobiography. Reader-response criticism. Literary genre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia. Estética da recepção. Gênero literário.

---

## Texto integral

---

### 1 Introdução

Na literatura, há gêneros que possuem características estruturais e estéticas próprias que servem para diferenciá-los. O leitor, quando busca poesia, tradicionalmente procura um texto escrito em verso; quando romance, ficção escrita em prosa (é claro que a definição desses gêneros é muito mais complexa e controversa, mas um aprofundamento nessas questões não é o objetivo deste trabalho); autobiografia...? Exatamente o que é procurado quando se busca esse “gênero” literário? É possível identificá-lo a partir de características estéticas e estruturais próprias? A leitura dos livros *Bar doce lar, as memórias de um menino adotado pelo bar da esquina*, do americano J.R. Moehringer e *Os cus de Judas*, do português António Lobo Antunes, responde que não.

Os dois livros escolhidos como objeto deste estudo são escritos por autores que se autobiografam. *Bar doce lar* se assume como narrativa autobiográfica, trazendo essa classificação na ficha catalográfica. *Os cus de Judas* se veste sob o simulacro de romance, no entanto basta conhecer a biografia do autor, António Lobo Antunes, para perceber os contornos autobiográficos do texto. São duas obras narradas em primeira pessoa, por personagens que assumem com o leitor, desde o início, o compromisso de contar a história de suas vidas. Ambos recorrem às memórias da infância, no ambiente familiar, e às adversidades da vida adulta. Antunes cria uma narrativa labiríntica, em que presente e passado narrativo se misturam às fantasias do narrador, enquanto Moehringer conta sua história respeitando cronologicamente a sequência dos fatos, mencionando objetivamente data e idade: “Se for possível para alguém reproduzir com alguma exatidão sua

evolução de menino beerrão, a minha começou no verão de 1972” (MOEHRINGER, 2006, p. 21).

Ao confrontar as duas narrativas, nota-se que conceber autobiografia como gênero, depende menos de uma análise da estrutura composicional do livro do que de uma assinatura ou contrato estabelecido com o leitor, tese que será desenvolvida mais adiante por meio dos estudos do pesquisador francês Philippe Lejeune em seu livro *O pacto autobiográfico* e pela análise de trechos e características dos livros que justificam a discussão teórica proposta.

Vendido como autobiografia do jornalista americano J.R. Moehring, a história de *Bar doce lar* não se diferencia em nada da estrutura de livros vendidos como romance. Mas por que é classificado apenas como autobiografia?

Philippe Lejeune define autobiografia como “qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (LEJEUNE, 2008, p. 53). Lejeune comenta também que Vapereau explicitou ainda melhor esse conceito em seu *Dictionnaire universal des littératures* (1876), onde diz que autobiografia é qualquer obra literária, romance ou poema em que o autor conta sua vida. O paradoxo disso é que quando se fala em romance, trata-se de ficção; vida de uma pessoa, realidade. Porém, a vida real de alguém pode ser romanceada? A literatura já deu inúmeras provas de que sim, e um exemplo disso é *Os cus de Judas*, do português António Lobo Antunes.

Nesse romance, o narrador conta suas experiências durante a guerra pela independência de Angola. Ele é um psiquiatra português que retorna a seu país de origem fortemente abalado, com a necessidade de conversar e de expor suas impressões. Encontra uma mulher num bar que, assim como o leitor, vira sua interlocutora. No entanto, a breve biografia do autor contida na orelha do livro, esclarece que ele também é um psiquiatra que serviu em Angola durante a guerra. Impossível não associá-lo ao narrador do romance, ou diria, autobiografia. O livro traz na capa e na ficha catalográfica a inscrição “romance”; *Bar doce lar*, biografia. Resta saber, afinal, quem ou o que diferencia uma coisa da outra.

Philippe Lejeune coloca a importância da identidade para a definição do que seja uma autobiografia. Ele afirma que deve haver uma identidade comum entre autor, narrador e personagem. *Bar doce lar* atende perfeitamente a esse critério. O J.R. que assina a capa é o mesmo que se assume como narrador e personagem. Ao contar a sua história de menino abandonado pelo pai e criado apenas pela mãe, o autor apresenta ao leitor como foi adotado pelos homens que frequentavam um bar na esquina de sua casa, e porque os teve como seus educadores, referências para o universo masculino e construção da sua identidade. Não há, portanto, nada que possa negar o caráter autobiográfico da obra, de acordo com a classificação de Lejeune. *Os cus de Judas*, porém, seria excluído dessa classificação simplesmente por não estabelecer este “contrato”: o da assinatura. O narrador de Lobo Antunes não se identifica, não se assume como o autor, não estabelece o “pacto” autobiográfico com o leitor. Caberia então a este resolver o problema, ou seja, definir para si próprio que tipo de leitura fazer.

Para Lejeune, quem decidirá qual é a intenção do autor se ela for secreta é o leitor. Ainda diz, citando Vapereau, que “A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões” (LEJEUNE, 2008, p. 54). Ao fazer a leitura de um romance, o leitor sabe que está diante de um texto não comprometido com a verdade. Porém, a procura por obras que relatam a vida de alguém é acompanhada por uma busca de veracidade, não apenas verossimilhança. Se a autobiografia abre espaço para a fantasia e não é obrigada a um compromisso com a realidade, pode-se dizer que nada a diferencia do romance. É o que se observa nas duas obras escolhidas para este artigo. Os narradores de ambas assumem que precisam falar das próprias vidas como forma de organização de uma espécie de caos resultante das tragédias pessoais de cada um, mas não se preocupam com a exatidão quando falam de si. Moehringher chega a afirmar que:

as palavras organizavam meu mundo, colocavam ordem no caos, dividiam nitidamente as coisas em preto e branco. As palavras me ajudaram até a organizar meus pais. Minha mãe era a palavra impressa – tangível, presente, real – ao passo que meu pai era a palavra falada – invisível, efêmera, instantaneamente parte da memória. (MOEHRINGER, 2006, p. 75).

O jornalista americano inicia essa tarefa desde criança, por meio de um jornal que noticia alguns fatos ocorridos na família dele. Quando jovem, passa a anotar piadas, comentários, histórias e fatos ocorridos no *Publicans*, bar que o inspirou a escrever seu livro que ele mesmo assume como romance: “No meu tempo livre esboçava meu romance sobre o *Publicans*.” O próprio autor identificou o gênero do texto que escreveu. O subtítulo “Memórias de um menino adotado pelo bar da esquina” levanta outra dúvida: memórias, romance e biografia são gêneros textuais que não possuem nenhuma diferenciação? Na literatura brasileira, há exemplos de romances que se apropriam de uma terminologia comum a um tipo de escrita autobiográfica: a memória. É o caso de *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida e *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. Quando se fala em “memórias”, remete-se ao tipo de texto autobiográfico que não é centrado apenas no narrador, mas também em personagens e fatos com os quais ele conviveu. A partir dessa definição, estaria correto chamar o livro de Moehringher de “memórias”. Contudo, de acordo com a colocação de Vapereau, citado por Lejeune, nas memórias, o autor seria obrigado a ser exato quanto aos fatos. Sob esse prisma, não seria adequada tal classificação do livro de Moehringher, visto que ele mesmo afirma, durante a narrativa, que a sua intenção era escrever um romance, gênero que não se nutre da exatidão na narração dos acontecimentos.

Verdade. Essa é uma palavra importante para a presente discussão. Respondo aqui a uma pergunta feita anteriormente. O que o leitor procura numa autobiografia é a verdade. A verdade do autobiografado, mesmo que esta seja inventada. Esta idéia é bastante contraditória, mas há quem defenda que o

romance pode ser mais verdadeiro que a autobiografia. Philippe Lejeune cita o escritor André Gide como um desses defensores. Para Gide “talvez se chegue mais perto da verdade no romance” (LEJEUNE, 2008, p. 42). Essa verdade é “individual, íntima, do autor (...), e é enquanto autobiografia que se decretou ser o romance mais verdadeiro” (LEJEUNE, 2008, p. 42). Diria também que é enquanto romance que se decretou ser a autobiografia mais verdadeira. Pois é exatamente esse aspecto que se observa em *Bar doce lar* e *Os cus de Judas*. Ambos trazem expostas as fraturas de seus autores/narradores. Seus sofrimentos, frustrações e desejos são lançados ao leitor numa linguagem desprovida de pudores. Se o que dizem é ou não verdade, não depende do que está escrito nem de que maneira, mas de como será lido. Cada leitor buscará sua porção de verdade ou mentira. Ele é o elemento que pode tentar determinar o que a teoria da literatura e a crítica literária ainda não conseguiram. Como diz Lejeune, o leitor talvez seja o responsável por definir o que está lendo. É a forma de recepção que poderá dizer o que é uma coisa ou outra.

Os editores também entram neste território, tentando antecipar que tipo de texto está sendo oferecido. Quando os autores se eximem dessa responsabilidade, a editora muitas vezes se incumbe dela. Provavelmente porque haja uma procura grande por obras que narram a vida real das pessoas, principalmente quando se trata de alguma celebridade.

## 2 Nem todo biografado é uma celebridade

Lejeune afirma que:

se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é consequentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é sua própria história: falta-lhe, aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de outros textos (não biográficos), indispensáveis ao que chamaremos de “espaço autobiográfico”. (LEJEUNE, 2008, p. 23).

É possível discordar do teórico francês, a partir do que ocorre com *Bar doce lar*. Este é o primeiro livro de J.R. Moehring, portanto, ele seria um autor desconhecido, pelo menos no Brasil. Nos Estados Unidos, trabalha como repórter do *Los Angeles Times*, o que não o alça à categoria de celebridade. Contudo, sua obra figurou nas listas das mais vendidas durante meses. O interesse do público é grande quando o biografado é conhecido, mas o interesse por histórias reais vai muito além disso. *Bar doce lar* poderia perfeitamente ser vendido e lido como romance. Porém, antecipar para o leitor que se trata de uma história real pode significar também tirar proveito comercial do que Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder chamam de “boom da biografia e do biografado na cultura contemporânea”. Para os dois pesquisadores, “as narrativas do *self* e da memória vêm se tornando, cada vez mais, cruciais para a organização da sociedade”



(HERSCHMANN; MESSEDER, 2002, p. 143). Essa necessidade de organização se dá num momento de profunda fragmentação e distanciamento entre as pessoas. É como se a unidade perdida pudesse ser recuperada através da vida do outro, mesmo que este seja um desconhecido como J.R. Moehringer. Pode-se entender que o consumo da vida do outro funciona como uma espécie de “autoajuda”. No caso de *Bar doce lar*, há todos os ingredientes capazes de estimular o leitor a pensar em como a vida pode dar certo apesar das intempéries. Herschmann e Messeder observam ainda que “as narrativas da memória e do *self* prestariam um serviço psicológico inestimável, atendendo a demanda por referências, por parte dos indivíduos” (HERSCHMANN; MESSEDER, 2002, p. 145). Saber que o personagem é real significa perceber que superar determinadas dificuldades é possível. Uma obra assumidamente ficcional, por mais verossímil que seja, pode não ter o mesmo impacto sobre o leitor, porque na ficção nada é impossível.

No entanto, uma autobiografia pode se valer da ficção, já que é uma narrativa retrospectiva, portanto, passível de deformações, esquecimentos e nuances; resultados dos efeitos do tempo sobre a memória. Muitas vezes, esses efeitos são até intencionais: quem conta, conta apenas o que acha que o público deve saber e como deve saber; comprometendo, assim, a verdade. Mas no que tange à construção de referenciais, não se pode esquecer, por exemplo, que os romances românticos do século XIX desempenharam esse papel num momento em que a burguesia ascendente precisava afirmar valores morais e culturais. Durante anos os “mocinhos” e “mocinhas” dos folhetins serviram de modelo de comportamento, o que se observa ainda hoje na relação que grande parte do público estabelece com as novelas de televisão. Isso significa que a ficção também exerce influência no comportamento da sociedade, porém, anda perdendo espaço para as escritas que, para um grande número de pessoas, falam de gente de carne e osso, mesmo que reinventadas pelas palavras.

### 3 Identidades fragmentadas

Lejeune, citando Stuart Hall, afirma que “a identidade vem sendo cada vez mais definida social, historicamente ou mesmo ‘narrativamente’, e não necessariamente a partir de seu referencial biológico ou de território” (LEJEUNE, 2008, p. 46). A ideia de definição narrativa da própria identidade está presente em J.R. e no narrador de *Os cus de Judas*. É contando o que passaram nos momentos mais difíceis da vida, sentindo-se estranhos e abandonados em suas próprias casas e cidades, que os dois conseguem se reconstruir, pois através da narração dos fatos se reinventam para seus interlocutores. Moehringer faz sua reinvenção diretamente para o leitor. Lobo Antunes cria uma interlocutora para seu personagem, ou melhor, para ele mesmo.

O escritor português consegue assim fazer seu livro escapar do rótulo de autobiografia, rótulo que acaba sendo atribuído por alguns leitores a partir do momento em que tomam contato com o texto da orelha: “Logo depois de voltar da guerra em Angola, o autor escreve o romance sobre suas experiências naquele país.” Chamo a atenção para o fato de que, apesar de aparecer nas definições das

duas obras comentadas aqui, o gênero romance é assumido apenas pela portuguesa.

A escrita autobiográfica pode ser ficcional ou não. É insatisfatório acreditar que o que vai definir essa fronteira é apenas um selo dado por um editor, ou até mesmo pelo próprio autor.

Entre as modalidades narrativas não ficcionais e ficcionais, há fronteiras muito pequenas, o que dificulta uma classificação definitiva.

#### 4 A recepção

Introduzo aqui um ponto de vista baseado em alguns conceitos da estética da recepção, corrente da crítica literária, surgida na Alemanha no final dos anos 60, que defende a importância do leitor na construção de sentido do texto. Assim como há formas diferentes de composição textual, há também diferentes formas de recepção. Quando falamos em romance e autobiografia expomos duas maneiras aparentemente distintas de escrita, que se situam no âmbito da ficção e da não ficção respectivamente. A palavra ficção sugere o ato de fingir, fantasia, criação, imaginário. O romance, mesmo quando baseado em fatos reais ou na vida de uma pessoa real, em nenhum momento se compromete com a verdade, mas com um fingimento dela. Por mais verossímil que seja a narrativa, antecipadamente sabe-se que se trata de algo que é fruto da imaginação, da fantasia, do fingimento de um autor.

O horizonte de expectativa perante uma autobiografia é outro. O que se espera do texto é saber como foi a vida de quem o escreveu. No entanto, o autobiógrafo nem sempre assume um compromisso com a verdade, nem segue um padrão que caracterize sua escrita como autobiográfica. Logo, o leitor poderá construir o significado exatamente de acordo com que ele espera do texto, e não se pautando apenas na organização estética dele.

Karlheinz Stierle, filósofo alemão e teórico da estética da recepção, em seu ensaio “Que significa a recepção de textos ficcionais”, define a recepção como um conjunto de atividades que se desencadeiam no leitor por meio do texto. Segundo este autor, o texto não ficcional desencadeia no receptor um efeito “pragmático”. O texto de fato só se concretizará fora dele mesmo, quando o receptor transformar o que foi lido em uma “ação concreta”. Nesse caso, “o sujeito da produção e o sujeito da recepção não são pensáveis como sujeitos isolados, mas apenas como social e culturalmente mediados” (STIERLE, 1979, p. 129). Para o teórico, há um entrelaçamento entre os dois elementos: produtor e receptor. O autor escreve o texto com um fim específico, finalidade essa que se consumará no uso que o leitor fizer do que leu.

Quando foi colocado o fato de que o consumo da vida do outro muitas vezes serve como instrumento da construção da identidade do próprio leitor, é possível observar uma recepção pragmática do texto. Este esgotará o seu sentido fora de si

mesmo, no universo da ação construído pelo leitor de acordo com aquilo que ele espera.

Há, porém, textos ficcionais que desencadeiam um efeito que Stierle chama de “recepção quase pragmática”. Nela, “o texto ficcional é ultrapassado em direção a uma ilusão extratextual, despertada no leitor pelo texto” (STIERLE, 1979, p. 133). A ilusão criada pela ficção pode impor-se com tamanha intensidade a ponto de se sobrepor a própria realidade. Se um personagem de ficção tem tanto poder, o que não dizer de uma pessoa real que se autoinventa através do texto, fundindo esses dois espaços: ficção (texto) e realidade (vida do autor). A partir desse princípio, podemos supor que o texto ficcional pode gerar um tipo de recepção pragmática semelhante ao não ficcional. Em esferas muito próximas se situarão, então, as expectativas do leitor e as intenções do autor.

Tanto o narrador de *Os cus de Judas* quanto o de *Bar doce lar* são figuras heroicas que precisam superar dificuldades e fraquezas emergindo de um poço do qual a única salvação é a esperança. Moehringler traz para si esse compromisso ao se colocar na narrativa, talvez Lobo Antunes não quisesse assumir tal responsabilidade, ocultando-se num narrador não identificado. A diferença da obra americana para a portuguesa é que o conteúdo do texto não ficcional pode ser testado e corrigido pelo leitor. *Bar doce lar*, portanto, apresenta fatos cuja realidade pode ser confirmada ou não. A partir do momento em que o autor admite o rótulo de autobiografia ou memórias, estabelece com o leitor um pacto de leitura com a realidade presente dentro e fora da narrativa. O leitor é capaz de perceber se o personagem de fato existe, se tudo o que ele faz no plano da narrativa é possível também no da realidade. Se os mesmos passos forem seguidos, resultados parecidos poderão ser alcançados. Já na escrita assumidamente ficcional, a trajetória do personagem será olhada com desconfiança.

Quando comparei a recepção de alguns textos autobiográficos com a dos livros de autoajuda, foi porque nestes também se busca uma forma de organização para o próprio mundo a partir do que se leu. Stierle diz que:

O princípio fundamental da organização social humana parece-me ser a comunicação, que pressupõe a participação na vida dos outros. Para tal é necessário o surgir dos outros na própria identidade, a identificação dos outros com a identidade, o alcance da consistência de si próprio através dos outros. (STIERLE, 1979, p. 129).

Entender o texto autobiográfico como pragmático significa provê-lo de uma responsabilidade quanto ao horizonte de expectativas do leitor. Na recepção pragmática do texto, a intencionalidade do produtor e a do receptor são indissociáveis. Há um pacto entre ambos. Um diz a verdade que o outro quer ouvir. Sob esse aspecto é interessante observar que J.R surge como um autobiógrafo anti-herói, um “Leonardo Pataca” das autobiografias. Antes da tradicional regeneração, se entrega ao álcool, ao desânimo, à marginalidade; mas compondo a narrativa com o auxílio da conotação. A recepção conotativa de seus atos colabora para



evitar que o leitor julgue o personagem por uma ótica centrada numa realidade carregada de preconceitos e estereótipos. A linguagem empregada pelo autor muito se distancia da meramente documental, daí a cumplicidade que seu texto é capaz de criar no leitor. J.R parece um dos grandes personagens do universo ficcional, por isso é tão real.

## 5 Realidade e ficcionalidade; conotação, denotação e recepção

A realidade, no romance de Lobo Antunes, não é matizada pela comprovação da existência real do narrador, mas pela relação indireta entre os fatos narrados e a vida do autor. Neste caso, cabe a desconfiança por parte do leitor que deve considerar os fatos verdade ou não. O narrador fala de um episódio histórico (a guerra pela independência de Angola), portanto verificável, mas é sua subjetividade que emerge do plano textual. Os efeitos na personalidade do personagem se sobrepõem aos acontecimentos reais. O tipo de pacto de leitura escolhido liberta o autor do compromisso com a verdade factual. É a sua vida interna que é narrada, o que pode levar alguns leitores ao término do livro com a seguinte indagação: “mas não acontece nada na vida dele?” Acontece no plano interno. Mas no interior de quem? Narradores em terceira pessoa não são nomeados. Porém, os em primeira quando não se nomeiam, permitem que outro personagem o faça. Ou então criam circunstâncias que possibilitam ao leitor identificá-lo. Lobo Antunes não disponibiliza nenhuma dessas alternativas. Nos poucos diálogos existentes no livro, nenhum personagem se refere ao narrador pelo nome.

Apesar de existirem na obra várias características que a configurem como romance, *Os cus de Judas* traz também elementos típicos de escritas autobiográficas, como referências a datas: “na tarde de 22 de junho de 71, no Chiúme (...) me chamaram ao rádio para me anunciar de Gago Coutinho (...) o nascimento de minha filha” (ANTUNES, 2003, p. 81); e “em 61 eu fugia diante da polícia no Estádio Universitário” (ANTUNES, 2003, p. 75). No entanto, o que predomina é a conotação; e as metáforas do autor permitem ao leitor uma pluralidade infinita de significados. Não há como buscar uma identificação através da comparação do que é lido com o real. Mas a identificação ocorrerá quando o receptor for capaz de decifrar os códigos escolhidos pelo narrador para expor sua trajetória. No trecho:

Nasci e cresci num acanhado universo de crochê, crochê de tia-avó e crochê manuelino, filigranaram-me a cabeça na infância, habituaram-me à pequenez do *bibelot*, proibiram-me o canto nono de “Os Lusíadas” e ensinaram-me desde sempre a acenar com o lenço em lugar de partir. (ANTUNES, 2003, p. 37).

O autor expõe sua infância vivida num ambiente familiar conservador, como garoto superprotegido pelas tias e avós. Isto ficaria bastante evidente para o leitor

numa linguagem mais denotativa, referencial. Em trechos como esses, seriam necessárias certas habilidades para a significação, recepção e criação de identidade com a obra. Para Stierle, apesar de a apreensão de textos ficcionais ser aberta a várias possibilidades, nem toda recepção será válida. Segundo ele, é necessária uma “elaboração metódica” para a recepção de alguns textos que exigem do leitor algo além da mera experiência prática. O texto de Lobo Antunes encontra-se nesse grupo. Portanto, assumir-se como romance, dá ao texto uma liberdade que seria tolhida pela autobiografia; essa, por mais que possa valer-se também da conotação e da subjetividade, assume com o leitor um compromisso com os fatos.

Não ser publicado como autobiografia não quer dizer que não possa ser lido como tal. Ter sido publicado como autobiografia não indica a impossibilidade de ser lido como romance. Para o leitor, basta localizar um traço de verdade na ficção para tratá-la como verdade; ou traços de ficção na verdade para encará-la como ficção. Como já afirmei anteriormente, em relação à organização estética das obras analisadas, é impossível diferenciá-las quanto ao gênero literário. Ambas podem perfeitamente ser lidas como romance. Lejeune cita, em seu livro, exemplos de autobiografias escritas em verso. Nesse caso, quanto ao gênero chamaríamos de poesia. J.R. Moehringger escreve utilizando todos os recursos comuns aos romances. António Lobo Antunes escreve um romance simplesmente. Autobiografia, portanto, poder ser escrita a partir da apropriação de qualquer um dos gêneros literários existentes. Com base nas reflexões deste trabalho, penso que tentar classificar autobiografia como gênero literário a partir da estrutura do texto, como se faz com o romance, é tarefa impossível no momento. Por enquanto, diria apenas que ela existe no plano intencional do autor e na forma de recepção. Em relação a esta última vale ressaltar que, nem sempre, o leitor assinará o pacto proposto pelo autor ou pela editora. Ele definirá a partir de critérios próprios e de seus interesses se o que lê é realidade ou ficção dela. Assim, *Os cus de Judas* pode ser lido como romance sobre a guerra pela independência de Angola ou como autobiografia de António Lobo Antunes. A opção de lê-lo apenas como romance ficará a cargo do leitor desavisado da história de vida do escritor português. *Bar doce lar*, porém, não pega o leitor desavisado, comunica-lhe a possibilidade de veracidade dos fatos escritos. Digo possibilidade de veracidade porque, como afirma José de Alencar no prólogo de seu romance *O Guarani*, a memória “pode errar, pode exagerar-se; o coração é sempre verdadeiro, não diz se não o que sentiu” (ALENCAR, 1995, p. 13); mas como o coração é apenas um músculo involuntário e não pensa, apenas pulsa; é a memória o instrumento para escrita de quem deseja recuperar o passado, mesmo que se autobiografando ficcionalmente.

---

## Referências

---

ALENCAR, José. **O guarani**. São Paulo: Ática, 1995.

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

HERSCHMANN, Micael; MESSEDER, Carlos Alberto. O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: OLINTO, H. K.; SCHOLLHAMMER, K. E. (Org.). **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: PUC, 2002. p. 140-173.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MOEHRINGER, J.R. **Bar doce lar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: \_\_\_\_\_. **A literatura e o leitor**. Seleção, coordenação e tradução de Luis Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 119-165.

---

## Para citar este artigo

---

MOURA, Adriano Carlos. Autobiografia: gênero literário ou forma de recepção? **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 142-152, mai.-ago. 2014.

---

## O autor

---

**Adriano Carlos Moura** é professor de Leitura e Produção de Texto, Comunicação e Expressão da Universidade Cândido Mendes (Campos-RJ), professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFF (Instituto Federal Fluminense). Romancista e poeta, autor dos livros “O julgamento de Lúcifer” e “Liquidificador: poesia para vida mineira”.